

Suplemento Cultural

A origem italiana do município de Anastácio (A cidade sul-mato-grossense que é ítalo-nordestina foi palco de guerra e herda o nome de quatro papas romanos)

JOSÉ PEDRO FRAZÃO

A ligação da história de Mato Grosso do Sul com a Itália remonta ao descobrimento da América, em 1492 (fato histórico creditado oficialmente ao navegador italiano de Gênova, Cristóvão Colombo, a serviço da Coroa Espanhola). Até mesmo o nome “América” foi dado em homenagem a outro italiano – o navegador, mercador, geógrafo e cosmógrafo Américo Vespúcio, que fez os primeiros estudos cartográficos do então Novo Mundo, do qual fazemos parte.

Intermináveis foram as disputas pelo novo continente, sobretudo, entre Portugal e Espanha pelas terras guaicurus e de outras etnias sul-americanas. Logo após o término da Guerra do Paraguai, em 1870, o entorno da Vila de Miranda (da qual faziam parte também os atuais conurbados territórios de Anastácio e Aquidauana) começou a ser povoado, por bandeirantes, militares e comerciantes, que suplantaram os índios habitantes da região, fiéis aliados do Brasil na Guerra da Tríplice Aliança. Essa ocupação pantaneira marcou profundamente o sudoeste do Mato Grosso, num processo contínuo de colonização, inclusive com a presença de famílias paraguaias.

Na margem esquerda do Aquidauana, acima da foz do Rio Taquarussu e próximo ao Morro Azul, assenta-se, orgulhoso, o Porto Canuto, marco final da Retirada da Laguna (08/05 a 11/06 de 1867) – episódio heroico protagonizado pelas tropas do exército brasileiro que defenderam o sul de Mato Grosso no conflito que foi re-

“

Na margem esquerda do Aquidauana, acima da foz do Rio Taquarussu e próximo ao Morro Azul, assenta-se, orgulhoso, o Porto Canuto, marco final da Retirada da Laguna (...) – episódio heroico protagonizado pelas tropas do exército brasileiro”

latado com riqueza de detalhes pelo oficial militar combatente e escritor Alfredo d’Escragnolle Taunay. Foi abaixo desse porto e acima da extinta cidade Santiago de Xerez que surgiu o primeiro povoado aquidauanense/anastaciano, onde aportou, entre outros migrantes, aquele que mais tarde emprestaria seu nome ao município: o comerciante italiano Vicente Anastácio (Aieta/Itália 11/04/1846 - Aquidauana 08/10/1929). Ele se instalara inicialmente em Nioaque, onde foi vice-presidente municipal, mas logo adquiriu a grande fazenda Santa Maria, propriedade que abarcava boa parte da atual cidade de Anastácio, cujo núcleo urbano se iniciara com terras doadas pelo Coronel Estêvão Alves Correa.

Resistentes carretas de roda alta rumando pelas veredas e a sua romântica barca “Ligúria” singrando o navegável



Casa de Vicente Anastácio construída em 1892



Residência popular inaugurada em 2015, no cinquentenário do município

Imagens do município de Anastácio/MS, mostrando duas épocas: 1892-2015

Aquidauana ajudaram o Sr. Vicente a praticar o comércio na região até Corumbá. E logo após a fundação da cidade de Aquidauana, na margem direita (em 1892), pleito para o qual Vicente também contribuiu financeiramente, construiu a sua casa comercial e residencial na subida da rua Porto Geral (larga via de acesso ao porto da prainha), na esquina com a futura avenida que mais tarde receberia o nome do vice-presidente e presidente do republicano Estado de Mato Grosso (Manuel Murtinho).

Já em 18 de março de 1964, no calor da Revolução que deu aos militares o comando nacional, o distrito da Margem Esquerda se emancipou de Aquidauana, vindo o município a instalar-se em 8 de maio de 1965, oportunidade em que o MIME (Movimento de Independência da Margem Esquerda) consagrou a homenagem ao Sr. Vicente Anastácio, dando o seu sobrenome ao novo município.

Mas Anastácio, que agora no dia 8 de maio de 2015 completa cinquenta anos de emancipação e que no passado foi parte do cenário da maior guerra sul-americana e depois se en-

riqueceu demograficamente com a imigração nordestina, tornando-se a “capital da farinha de mandioca de MS”, tem outros motivos importantes para se orgulhar do seu nome. Além de preservar a memória do primeiro morador, ostenta em seu registro o mesmo nome de quatro papas católicos romanos: **Santo Anastácio** (399 a 401), **Anastácio II** (496 a 498), **Anastácio III** (911 a 913) e **Anastácio IV** (1153 a 1154).

Etimologicamente a palavra Anastácio (do latim *Anastacius* - *resurrectio* e do grego *anastasis* - levantar, erguer, ressurreição) é uma sacra referência a Jesus Cristo. Daí a espiritualidade forte do município, que herdou ainda de Santo Anastácio a humildade e o sacrifício, por ter sido a gloriosa margem esquerda do Rio Aquidauana um bairro literalmente marginalizado, mas que renasceu como cidade promissora, para hoje, sem qualquer ressentimento, desenvolver-se solidária e amiga ao lado de sua coirmã Aquidauana. Por tudo isso, mais do que o sotaque nordestino e do estilo pantaneiro, Anastácio carrega no registro de nascimento a santidade e na sua história consanguínea o inegável gene italiano.

POESIAS

ESCOMBROS

Você – que largou asas para os sonhos
Tentando soerguer-se da desdita,
Escalando luar em céus tristonhos,
Tropeçando por nuvem mais bonita...

Você – que se elevou à mais bendita
Pátria, que supôs de Edens mais risonhos,
Mas teve a realidade assaz maldita
De apenas encontrar rivais medonhos...

Você – que abriu estrelas com seus ombros,
Sonhando projetar-se só pra frente...
Ei-lo, enfim, despenhando quais escombros!

Mas, na queda, a ventura ainda tente,
Pois se subir não soube sem mil tombos,
Saiba ao menos cair suavemente!...

GERALDO RAMON PEREIRA

POR QUE NÃO É ASSIM?...

Música que alegre
E também faz chorar...
Flores que encantam a vista
E embalsamam o ar...
Nuvens delicadas, leves, coloridas,
Que adornam o céu,
Que extasiam o olhar...
Encantos que passam... repassam...
Sem vestígios deixar...
Por que não é assim
Essa doce ilusão
Que alegre
E faz o coração chorar?

A música mais linda,
A gente sempre esquece.
O perfume se esvai... cedo a flor fenece...
A nuvem some lá na imensidade...
E o amor...
Luz que brilha um instante na vida,
Deixa sempre após si
Essa coisa esquisita...
Essa sombra dorida...
Que se chama saudade!

OLIVA ENCISO

Agora é Moda

MARIA ADÉLIA MENEGAZZO

Li algumas páginas do diário de Richard Burton publicadas em uma revista de circulação nacional, a Piauí, e fiquei satisfeita de poder confirmar o quanto a literatura teve lugar na formação do grande ator. Como diz a chamada da revista, quando os diários foram publicados em 2012, pela Universidade de Yale, revelaram um homem inteligente e culto que trocaria todos os holofotes pelo sossego de sua biblioteca. Está certo que ela ficava em uma casa nas montanhas suíças, mas isto é um mero detalhe. Independentemente do fato de gostar ou não gostar de determinados autores, Burton sabia da importância deles na constituição literária de uma tradição literária e ia a fundo tentando superar suas antipatias. Fala, por exemplo, do prazer de descobrir Baudelaire na meia idade e da constatação de que as pessoas se contentam com as poesias que leram até os 25 anos e se arranjam com ela. “É um belo susto encontrar um novo mundo literário aos 46 anos”, diz ele. Além do amor *forever* de Elizabeth.

Fiquei pensando nessas coisas depois de uma conversa com uma escritora jovem que, se dizendo constrangida, afirmou para mim que não gosta de Manoel de Barros, não acha que Manoel de Barros seja um bom poeta, nem regionalista e que ele é dadaísta porque faz poesia sobre o nada. Pensei: Bom, ela acaba de redescobrir a América! Manoel nunca foi regionalista, se com isso ela es-

tiver pensando numa poética que se volta para descrever a natureza e a cultura de um dado espaço territorial. Conceito, aliás, há muito tempo, abandonado. O vínculo com o dadaísmo existe, de fato, mas não porque faz poesia sobre o nada, e sim porque dá concretude a este nada, buscando-nas coisas ínfimas do chão, fazendo da palavra um dado provisório, depositando o poético no transitório das coisas. Quanto ao fato de gostar, me veio a confirmação de que está em jogo é a capacidade de o leitor constituir os sentidos a partir de seu próprio repertório e das informações de seu tempo e circunstâncias. O leitor de poesia é tanto mais competente para a leitura poética quanto mais conhece a tradição literária como um todo, quanto mais poetas ele tenha lido. E, se Manoel de Barros não é um poeta, devo jogar no lixo meus 40 anos de estudos sobre o objeto literário. Claro que se trata de opinião contra opinião, de uma leitura contraposta à outra leitura. Nenhum problema. Mas que foi uma conversa engraçada, foi. Para mim, negar a poesia de Manoel de Barros é como negar a arquitetura de Oscar Niemeyer, virou moda entre os jovens... Só tem sentido se a intenção é de iconoclastia.

O que eu quis dizer, abusando de Richard Burton e de Manoel de Barros, é que a gente geralmente escolhe o que quer e gosta do que quer e pode. Mas o grande artista e sua obra estão muito além disso, estão fora do alcance do mero gosto, que se discute, sim, e se educa.

A medida do tempo

ARASSUAY GOMES DE CASTRO

Calendas – nome derivado da palavra grega *kalendas*, com o significado de chamar, convocar. Era o primeiro dia de cada mês, assim designado porque, ao alvorecer da lua nova, convocava-se o povo em praça pública para avisá-lo sobre as coisas que se dariam naquele mês. Não obstante, a origem dos calendários perde-se na noite dos tempos. Os povos primitivos guiavam-se pela luz do dia, mas o cálculo do tempo era medido pelas fases da lua. Uma lua correspondia a um mês de vinte e oito dias, e era baseado nas ocorrências astronômicas naturais como as estações que eles simplesmente desconheciam, nas fases lunares e pela marcha aparente do sol no zodiaco.

O primeiro calendário foi criado pelos povos antigos – os assírios – durante o reinado de Hamurábi, mais tarde aproveitado pelos egípcios, gregos e romanos. Este tipo de medida de tempo era calculado pelas fases da lua. Um ano de treze meses, todos com vinte e oito dias, per-

fazendo o total de 364 dias. Durante o reinado do imperador romano Júlio César, o mês de janeiro caía no outono; mas, no ano 45 antes da era cristã, aquele imperador, seguindo o modelo do calendário dos povos antigos – os egípcios – cujos sábios haviam criado uma fórmula baseada no movimento aparente do sol, reformou o calendário até então em uso em Roma e estabeleceu o ano romano com 365 dias e seis horas, compensando essa diferença com a criação do ano bissexto, de 366 dias, a cada quatro anos. Esse sistema de cálculo dos anos bissexto do calendário juliano foi modificado posteriormente, contando-se noventa e sete anos bissextos a cada quatro séculos, em vez de cem anos. Essa modificação na estrutura da medida do tempo passou à história universal com o nome de Calendário Juliano e vigorou até a Idade Média.

No final do século XVI, exatamente no ano de 1582, a diferença entre o Calendário Juliano e o início das estações no continente europeu já estava a média de dez dias, pois a data da entrada do outono mudara do 21 de março para cair no dia 11 daquele mês.

No intuito de se manter o início das estações no mesmo dia previsto até então, o papa Gregório XIII determinou duas grandes revisões: eliminaram-se dez dias do mês de outubro – 4 de outubro de 1582 veio a tornar-se o último dia do Calendário Juliano e o dia 15 de outubro (na realidade era o dia 5) tornou-se o primeiro dia do novo calendário, que passou à história universal com o nome de Gregoriano, até nossos dias. Embora nunca se tenha tentado aperfeiçoar o atual calendário gregoriano, ele não é absolutamente preciso, prevenindo-se que o erro de tempo, acumulado em 32 séculos, deverá perfazer o total de 23 horas, seis minutos e quarenta segundos, quase um dia, em 3.200 anos.

Já o calendário judaico teve início quando o patriarca Abrão chegou à Terra Prometida no ano de 3760 antes da era vulgar e começa religiosamente na noite que precede a fase da lua nova do mês de setembro de todos os anos, e é uma combinação dos sistemas lunar e solar. Pelo cálculo deste calendário, o ano de 1993 de nossa era é para eles o ano de 5753.

UMA MUDANÇA

ZORRILLO DE ALMEIDA SOBRINHO

Meu pai era barbeiro. E seu local de trabalho era em nossa própria casa. Era uma barbearia modesta, com uma cadeira de madeira. Ele sonhava em adquirir uma daquelas de aço, bonitas, confortáveis, reluzentes, reclináveis e modernas e com movimento giratório. Isto, entretanto, não passava de um sonho e estava longe de ser uma possibilidade.

A mim próprio causava-me uma grande admiração contemplar a prateleira subjacente ao espelho. Nela espalhavam-se pincéis de pelo macio, tesouras, navalhas suecas e alemãs da marca Solingen, uma bacia pequena para espuma de sabão e afiadores. Como eu gostava de brincar com aquele afiador bem leve! Os entendidos diziam que ele era feito de raiz de Timbaúba. Havia também um afiador de couro onde a navalha era passada, de um extremo ao outro, em vai e vem.

Encontravam-se, ainda, frascos de perfume e vidros de brilhantina, para os mais vaidosos, e um vaporizador com a bombinha de borracha para esguichar água perfumada no cabelo dos fregueses. Via-se, além disso, pedaços de pedra-ume para cortes eventuais no rosto de algum de barba dura.

Para mim, contemplar todos os objetos da prateleira, refletidos no grande e bonito espelho, era um espetáculo mágico. O espelho era muito bom e não deformava as imagens.

Papai era um barbeiro muito hábil e competente. Ninguém trabalhava melhor e mais rápido do que ele.

Como grande parte dos barbeiros, era muito conversador. Parece que fazia parte da profissão entreter os fregueses com conversa.

Nas horas vagas, jogava firo ou dama, com algum desocupado que se demorasse para dois dedos de prosa.

Como morávamos em casa alugada tivemos, um dia, que nos mudar. Então tudo foi retirado

dos lugares e posto no chão, para ser acomodado em caixotes e caixas. A barbearia foi desmanchada e os seus pertences espalhados pelo chão.

O espelho saiu do seu lugar de honra e foi colocado na parede refletindo a desarrumação.

Como as portas da casa estavam todas abertas, para facilitar o movimento, incluindo a da cozinha, que dava para o quintal, o galo que nós criávamos saiu do terreiro e foi fazer um reconhecimento da casa. Examinou a cozinha onde parece não ter encontrado o que procurava e foi andando. Passou pelo corredor e chegou à sala. Revirou os olhos para um lado e para o outro e, de repente, deu com os olhos naquele galo altivo, de plumagem colorida, com a crista levantada e balouçante a desafá-lo. Não teve dúvidas. Partiu para cima do rival que ousava invadir o seu reino e enfrentá-lo. Arremeteu de bico e de esporão para vencer e subjugar o adversário. A imagem reflexa imitou o galo por pouco tempo, logo se estilhaçou em inúmeros pedaços, para decepção do valente galináceo e desespero de meu pai.